

ESTRATÉGIAS INTERATIVAS USADAS POR ESTUDANTES DE PE NA INTERAÇÃO VERBAL NN X N: UM INSTRUMENTO DE ANÁLISE

HELENA MARIA DA SILVA GOMES
UNIVERSIDAD NACIONAL AUTONOMA DE MEXICO
(CELE-UNAM)

ABSTRACT

This paper presents an instrument designed to characterize the interactive competence of students of Portuguese as a foreign language. This competence is defined as a procedural knowledge expressed through the use of interactive strategies necessary to participate creatively in oral communication in Portuguese. Two main types of interactive strategies are considered: (a) discourse interactive strategies, which are linguistic conversational devices used to sustain the interaction, and (b) referential interactive strategies, which are linguistic compensatory devices used to express the propositional content of utterances in communication. The interactive strategies used by 6 NNSs are also analysed. The characteristics of this study are briefly discussed and general suggestions are made for further research.

INTRODUÇÃO

Pesquisadores da área de aquisição de segundas línguas¹ vêm dando uma importância cada vez maior ao papel que o discurso colaborativo, típico da interação verbal nativo X não-nativo, tem no processo de desenvolvimento de uma língua adicional à língua materna. Hatch (1978:44) enfatizou o valor da conversação neste processo afirmando que “se aprende a interagir de maneira verbal e a partir desta interação se desenvolvem as estruturas sintáticas”. Gaies (1977) e Scarcella & Higa (1981), motivados pelos estudos sobre a “fala das mães” (*motherese*), examinaram a fala que os nativos de uma língua utilizam para se comunicarem com não-nativos (*foreigner talk*). Long (1981, 1983a, 1983b), Pica (1987) e outros formularam a “hipótese interacionista” segundo a qual a forma mais eficiente para conseguir que o *input* seja compreensível ao não-nativo é modificar a estrutura interacional através do uso de recursos que garantam a “negociação

¹ Neste trabalho usaremos o termo “segunda língua” (L2) como um genérico que se refere a qualquer idioma adicional aprendido depois da primeira língua (L1) tal como sugere Ellis (1985).

de significados”, ou seja, valendo-se da utilização de estratégias e táticas conversacionais, de repetições, de reformulações, de segmentações, etc...

De acordo ainda com a posição interacionista, teóricos como Wagner-Gough (1975), Swain (1985), Ellis (1991) formulam a “hipótese de produção” (*output hypothesis*) destacando que é imprescindível que o não-nativo tenha oportunidade de utilizar significativamente a segunda língua para que se dê a aprendizagem desta língua, sustentam que a necessidade de produzir uma mensagem verbalizada compreensível dará ao não-nativo a oportunidade para participar num processo de negociação de significado, comprovar suas hipóteses sobre a língua que está aprendendo, apropriar-se dos mecanismos sintáticos desta língua. Por outro lado, também nesta posição interacionista, lingüistas aplicados da “Escola comunicativa” como Savignon (1972), Widdowson (1978), Canale (1983), entre os principais, propõem que a competência comunicativa numa língua supõe saber cooperar num discurso colaborativo, saber interactuar criativamente com um interlocutor que domine esta língua, possuir uma competência discursiva e estratégica que se expresse em um conjunto de habilidades interativas básicas para a comunicação, ou seja, possuir, como formulamos neste trabalho, uma “competência interativa” que o habilite como um interlocutor proficiente.

Discutir-se-ão aqui os primeiros resultados de um estudo cujo objetivo foi elaborar um instrumento de análise para identificar e caracterizar as estratégias interativas usadas por NNs para manter apropriadamente conversações com Ns. Examinamos a competência interativa de 6 estudantes adiantados de PE, manifestada na comunicação oral com 2 Ns. Este estudo faz parte de uma pesquisa mais abrangente sobre a competência comunicativa alcançada por estudantes de português para estrangeiros (PE) após um programa de ensino de aproximadamente 450 horas-aula.

COMPETÊNCIA INTERATIVA - ESTRATÉGIAS INTERATIVAS

O presente trabalho propõe o constructo “competência interativa” como parte do componente procedimental da competência comunicativa, quer dizer, como o conhecimento de procedimentos ou estratégias que viabilizam a comunicação. Este conhecimento sobre os recursos interativos para a comunicação se entrelaça com o componente declarativo da competência comunicativa, ou seja, com o conhecimento de regras da língua meta para que o indivíduo domine esta língua².

O instrumento de análise que se apresenta neste estudo postula que a competência interativa abrange um sub-conjunto de estratégias de tipo discursivo e um sub-conjunto de estratégias de tipo referencial. Considera-se aqui que ambos sub-conjuntos de estratégias interativas se encontram na esfera da interação verbal, são ações verbais locais de que se disparam em função de estímulos “locais” no correr da conversação (“on

² O conceito de conhecimento procedimental parte de Anderson (1982) e vem sendo usado nos estudos de estratégias de aprendizagem e de comunicação por varios autores como Bialystok (1990), Ellis (1985 y 1991).

line”). De acordo com esta perspectiva, julgamos que todas estas estratégias visam manter os vínculos comunicativos entre os interactantes, tanto a nível da interação social (estratégias interativas discursivas) como do intercâmbio proposicional (estratégias interativas referenciais).

As estratégias interativas de tipo discursivo são vistas aqui sob uma perspectiva pragmática. Focaliza-se o discurso em relação às suas condições de produção. Trata-se do “discurso entendido como colocação em funcionamento de recursos expressivos de uma língua com certa finalidade” (Possenti, 1988 apud Silva, 1991: 8). Esta perspectiva enfatiza a função interativa da linguagem defendida pelos sociolinguístas, sociólogos e conversacionalistas que se preocupam particularmente com o uso de uma língua para estabelecer e manter relações sociais, para negociar relações de papéis nas conversações, para lograr cooperação e acordos, etc ...

Desprende-se do anterior o fato de que neste estudo examinamos as estratégias discursivas usadas pelos NNs para participar ativamente nas interações comunicativas, através dos procedimentos inter-pessoais usados para manter a conversação. Com esta abordagem nos distanciamos da proposta de autores como Widdowson e Canale (op.cit.), por exemplo, que consideram a competência discursiva de uma dimensão predominantemente lingüístico-textual. Não procuramos aqui identificar como os FNNs conseguem combinar formas gramaticais e significados para produzir um texto oral unificado, ou seja, como manejam os recursos de coesão na forma, e os recursos de coerência no significado com o fim de obter a unidade do texto e facilitar, deste modo, sua compreensão.

Nosso interesse pelos processos interativos no discurso oral determinou que enfocássemos a habilidade discursiva também em sua relação com o que Gumperz (1983) chama envolvimento, ou melhor ainda, com o envolvimento proposto “em termos de uma participação ativa numa conversa e, além disso, no que isto implica em relação a um processo de comunicação satisfatório, no qual os interlocutores necessitam partilhar não somente o mesmo código, mas também os mesmos domínios de experiência quanto ao papel que exercem nas trocas lingüísticas o meio social” (Silva, *ibid*:10)

Segundo Chafe (1985 apud Silva, *ibid*: 11-12) o envolvimento na conversação pode ser de 3 tipos: (a) envolvimento do falante consigo mesmo, (b) envolvimento do falante com o assunto, (c) envolvimento do falante com seu interlocutor. Este estudo focaliza o que este autor tipifica como “envolvimento do falante com seu interlocutor”, ou seja, o envolvimento relativo à dinâmica da interação com o interlocutor. Este tipo de envolvimento se explicita no discurso com o uso dos seguintes marcadores, que são recursos de análise que empregamos neste estudo: emprego de pronomes pessoais de segunda pessoa, citação do nome do interlocutor, respostas a perguntas do interlocutor, uso de marcadores conversacionais e expressões formulaicas que explicitem uma situação de interação.

Relativo às estratégias interativas de tipo referencial, estas se referem aqui ao manejo de estratégias comunicativas verbais e não verbais com o fim de compensar ou reparar deficiências na comunicação ou, inclusive, para intensificar a eficiência da

comunicação como, por exemplo, ao usar-se intencionalmente um tom de voz sussurrado para provocar efeitos retóricos (Canale, op. cit). Estas estratégias se relacionam intimamente com a função referencial ou transacional da linguagem dado que seu propósito é garantir a expressão de conteúdos, significados ou informações (Jakobson, 1960 apud Brown & Yule, 1983). Esta função, básica no uso de uma língua, interessa-nos especialmente neste estudo porque pensamos que transmitir uma informação numa língua estrangeira freqüentemente exige um esforço adicional por parte dos NNs, principalmente caso queiram transmitir ao seu interlocutor uma mensagem exata e detalhada sobre um tópico que geralmente é escolhido pelo falante nativo. A nosso ver, as estratégias de comunicação supõem uma dimensão interativa porque acreditamos que este esforço adicional do NN para comunicar-se tem muito que ver com seu compromisso com o evento comunicativo em seu conjunto, ou seja, seu envolvimento com o tópico e com o interlocutor. Além disso, outro elemento que reforça a dimensão interativa das estratégias de comunicação é o fato de que estas se realizam implicitamente num esforço cooperativo de negociação de significados entre os interlocutores (Tarone **et al**, 1983).

No que tange às estratégias interativas de tipo referencial, este estudo se concentra na pesquisa das “estratégias comunicativas de logro” (*achievement strategies*), ou seja, nas estratégias de comunicação que indicam que o falante está tentando resolver seu problema de comunicação expandindo seus recursos de comunicação ao invés de reduzir as metas comunicativas da conversação (Faerch & Kasper, 1983a; Corder, 1983). Outro fator importante para que se tenha decidido incluir somente as estratégias de logro consiste em que, no programa de ensino-aprendizagem de PE dos NNs, orientam-se os alunos para que prefiram este tipo de recursos compensatórios porque se julga que eles promovem mais o desenvolvimento da competência comunicativa do que as estratégias comunicativas de redução (Faerch e Kasper *ibid*: 54).

DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO

O instrumento para a identificação das estratégias interativas leva em consideração os dois tipos de estratégias que já discutimos neste trabalho: (a) estratégias interativas discursivas (EIDs) e (b) estratégias interativas referenciais (EIRs). Propõe, como já discutimos brevemente, que as EIDs são recursos lingüísticos conversacionais usados para manter a interação verbal e que as EIRs são recursos lingüísticos compensatórios usados para expressar os conteúdos proposicionais dos enunciados da comunicação. O quadro abaixo resume as estratégias interativas do instrumento de análise deste estudo.

Quadro 1: Estratégias interativas usadas por NNs

Estratégias interativas discursivas	Estratégias interativas referenciais
EID1-Dirigir-se ao interlocutor	EIR1-Alternância de código
EID2-Responder ao interlocutor	EIR2-Transferência
EID3-Criar naturalidade	EIR3-Paráfrase
EID4-Tomada de turno	EIR4-Generalização
EID5-Sustentação do turno	EIR5-Reestruturação
EID6-Assentimento/discordância	EIR6-Pedido de ajuda
EID7-Entrega ao turno	

Descreveremos as estratégias do modelo exemplificando-as com fragmentos selecionados nas gravações feitas com os NNs e os Ns deste estudo³.

Estratégias interativas discursivas

EID1 - Dirigir-se ao interlocutor

Esta estratégia se refere a como o interlocutor se dirige ao outro interlocutor com o fim de estabelecer e manter as relações sociais adequadas para a conversação. No instrumento usamos os seguintes marcadores sugeridos por Chafe (op.cit.): uso de pronome de segunda pessoa (você, vocês, tu, a senhora ou as senhoras), ou uso do nome dos interlocutores, etc.

³ Na transcrição dos dados observamos as seguintes convenções:

Aspas duplas : entonação com subida rápida ou interrogação

Aspa simples : entonação com subida leve.

Aspa simples abaixo da linha : entonação com descida leve ou brusca.

MAIÚSCULA : ênfase

Dois-pontos : alongamento de fonema

Sinal (+) pausa

/ no final do turno : truncamento brusco

[[falas simultâneas

[sobreposição de vozes

(()) comentários do analista

eh, ah, oh, ih, mhm, aha : pausas preenchidas, hesitação

.../ transcrição parcial

Reduplicação de letra ou sílaba : repetições

* engatamento (o enunciado de A segue o de B sem pausa)

N1 e N2 falantes nativos do estudo

NN1, NN2,....NN6 estudantes ou falantes não nativos

Exemplo:

(1)-> NN2- /.../ mas eu falei prá você que conheci uma brasileira
i:: ela me disse que tinha /.../

EID2- Responder ao interlocutor

Aqui nos referimos ao fato dos NNs responderem às perguntas que lhes são dirigidas pelos Ns. Numa conversação natural NxN, ou mesmo NxNN, isto indicaria por parte de quem responde um interesse pelo interlocutor que lhe dirigiu a pergunta, dado que ambos os falantes normalmente têm o mesmo direito a controlar o tópico, podendo por isso responder ou não. Na interação que estudamos temos dois aspectos interessantes em relação a esta estratégia. Por um lado poderia parecer que esta categoria não nos daria este mesmo tipo de informação porque o evento se desenvolveu de uma forma mais próxima a uma entrevista do que a uma conversação natural, não dando possibilidade aos NNs de não responder. Por outro lado, analisando com mais detalhe alguns enunciados-respostas dos NNs, verificamos o empenho que tiveram para responder cabalmente às perguntas dos Ns, como tiveram que lançar mão de estratégias interativas variadas para lográ-lo, podendo ser, quando analisada desde esta perspectiva, um indicador do interesse do NNs pela conversação e pelo interlocutor. Os exemplos que apresentamos buscam captar o que assinalamos.

Exemplos:

(2) N1- /.../ não me diga (+) você VIU o terremoto”

-> NN6- eu: vi ((sussurrado)) eu: fiquei muito (+)
como” como” como se diz” (+) traumatizada”

(3) N2- com quem você conversa em português” (+) além
do João na aula ”

-> NN2- eu::/ (+) na minha casa estão muito / (+) bom
eh:: me ajudam muito’ elis / ninguém sabe
português’ eu procuro ensiná-los algumas
canções i:: / tenho fitas gravadas / então ’
pois canções i:: tudo isso’ né” / às vezes
eu falo sola ô:: / eu eh:: leio / (+) como
gosto de teatro’ po.is te.nho a.ssim algumas
peças / então é assim como estudo /.../

EID3 - Criar naturalidade

Nesta categoria incluímos o uso estratégico de expressões formulaicas e gírias por pensar-se que constituem marcas da língua oral de grande valor expressivo que podem ter um grande impacto nas relações sociais que se estão dando na conversação. Procurou-se

identificar palavras ou sintagmas como: “Eu,hein!”, “Graças a Deus!”, “Sei lá!”, “Que chato!”, “Super”, “Legal” “Cara”, “Papo”,etc...

Exemplo:

- (4) N2- você está também' / se interessa pela política brasileira" (+) não" eu tinha esta impressão' não"
-> NN3- não (+) eu não conheço muito não'(+) conheço só esse PAPO das eleições agora o próximo mês
N2- * não é bem um PAPO
é uma TORTURA ((risos de N2 e NN2))
-> NN3- * pois é ((risos))

Antes de descrevermos e exemplificarmos os outros tipos de estratégias interativas discursivas, ou seja, a tomada de turno (EID4), a sustentação de turno (EID5), o assentimento ou discordância (EID6) e a entrega de turno (EID7), queremos frisar outra vez que consideramos o caráter interativo-estratégico destas ações discursivas pensando que o desencadeamento destes recursos conversacionais responde à dinâmica que se desenrola na interação verbal em si.

Para identificarmos estas estratégias empregamos como marcadores conversacionais somente os sinais lingüísticos dos NNs usados com o fim de orientar seus interlocutores Ns, como sugere Marcuschi (1986:72-74). Para identificar estes marcadores, levamos em consideração também o que sugere Schiffrin (1987) relativo a que estes marcadores respondem a algumas condições lingüísticas específicas: devem ser sintaticamente destacáveis da sentença, devem ser marcados por contornos prosódicos. Pensamos que também devem ter uma função claramente pragmática e não proposicional. No nosso estudo, vimos que uma função conversacional importante deste recursos interativos é “lubrificar” as ações discursivas, dando um tom social mais natural aos intercâmbios da conversação. Esta função parece mais evidente quando os NNs tomam o turno para responder a uma pergunta direta dos Ns, como veremos nos exemplos que daremos.

EID4-Tomada de turno

Para identificarmos esta categoria nos guiamos pelos seguintes sinais de tomada do turno: expressões que aparecem no início de turnos tais como: “olhe”, “certo, mas”, “você me pergunta se”, “entendi, mas”, “eu?” (sinais usados principalmente quando o turno é uma resposta): “é isso”, “boa idéia” (sinais que introduzem uma opinião); “voltando ao tema”, “em relação a isso” (sinais para retomar o tópico) (Marcuschi, op.cit).

Exemplos:

- (5) N2- qual é seu vínculo com o Brasil”
-> NN1- olha ((fala arrastada)) mais que nada (+) eu gosto muito do português (+) i:: tenho amigos lá ,

(6) N1- como é que você imagina o Brasil”

-> NN4- bom (+) em geral (+) desde que eu comecei a estudar português, (+) então não tinha os aspectos estereotipados da cultura brasileira /.../

EID5- Sustentação de turno

Para identificarmos estes recursos nos orientamos pela presença, como sugere Marcuschi, de sinais de sustentação de turno como: “viu?”, “sabe?”, “entende?”, “correto?”, “em resumo”, “em outras palavras”. Estes são sinais que aparecem em geral no final de uma unidade comunicativa, ou seja de uma unidade de conteúdo, com a intenção de manter a palavra ou conseguir o assentimento do ouvinte. Nas amostras do estudo não encontramos estes sinais que buscávamos, no entanto observamos um uso frequente de “então” com as características discursivas de um sinal de sustentação de turno.

Exemplo:

(7) N2- há alguma coisa da cultura brasileira que você tenha tido
tenha sentido curiosidade”

-> NN3- bom (+) nós fizemos / uma coisa que eu fiz::: o ano passado foi::: um monólogo com um livro do Graciliano Ramos, (+) então foi armar um pequeno monólogo que:: foi tomado do livro São Bernardo, (+) então o monólogo começa com o capítulo /.../

EID6 - Assentimento / discordância

Estas estratégias discursivas foram reconhecidas pelos sinais de assentimento ou discordância : “mhm”, “aha”, “não, não”, “como?”, “ué”. São sinais que são produzidos pelo ouvinte durante o turno do parceiro, vem quase sempre em sobreposição de vozes.

Exemplos:

(8) N1- você você tratou um pouquinho os problemas do Brasil da

->NN4- [sim]

N1- cultura brasileira da literatura etc (+) como é ...

->NN4- [sim] [sim]

(9) N2 - foi Pau Paulo qui quem você tomou” (+) né”

-> NN3- [mhm mhm mhm]

EID7 - Entrega de turno

Evidentemente, o sinal lingüístico que mais usamos para reconhecer esta estratégia foi a entonação descendente seguida de pausa ao final de uma unidade comunicativa. Observamos também os sinais de safda ou entrega de turno sugeridos por Marcuschi : “né?”, “viu?”, “entendeu ?”, “é isso aí”, “o que é que você acha?”. São sinais

que aparecem no final do turno, em geral na forma interrogativa, quando usados dão um valor de naturalidade à conversação.

Exemplo:

(10)->NN4- /.../ acho acho que é preciso ir procurar a realidade

no no país mesmo (+) não é”

N1 -

*claro’ tem toda razão

Estratégias interativas referenciais

Para a análise destas estratégias, selecionamos as estratégias de comunicação de logro sugeridas por Faerch e Kasper (op.cit). Para que pudéssemos identificar o emprego deste tipo de estratégias, adotamos como critério básico que se deveriam levar em conta alguns traços na atuação que indicassem o uso de um recurso consciente para manter os conteúdos proposicionais dos enunciados, tais como a variação temporal do ritmo da articulação, o uso de pausas e pausas cheias, o uso de alongamentos de sílabas, o uso de repetições de palavras, especialmente de palavras funcionais, etc. Ao adotarmos esta medida, pensamos ter mais segurança para identificar quando um recurso lingüístico, tal como um empréstimo ou uma transferência, já pertencia à interlíngua dos NNs, ou quando era um recurso estratégico local usado como resultado de um esforço novo adicional para poder responder às exigências da conversação.

EIR1- Alternância de código (*code switching*)

Consiste no uso de palavras ou porções de discurso em outro idioma que o FNN já conheça, habitualmente se espera que seja em L1. Esta estratégia também se conhece pelo nome de empréstimo quando se usa somente uma palavra de outro idioma (cf. Corder). Não apresentamos um exemplo porque não observamos o uso desta estratégia no corpus deste estudo

EIR2- Transferência interlingual

Este recurso comunicativo consiste no uso de palavras de outra língua já conhecidas pelo FNN mas com ajustes fonológicos ou morfológicos que levam em consideração também traços lingüísticos da interlíngua. Neste sentido são elementos lingüísticos híbridos que podem aparecer como “estrangeirizações”, ou seja, elementos lexicais de outra língua ajustados fonologicamente ou morfolologicamente ao novo idioma, por exemplo, “tortilha” do espanhol ao português. Nesta categoria foram incluídas também as traduções literais que, como o nome indica, são expressões de outra língua que passam literalmente a L2, por exemplo, do espanhol “Vivo en la colonia Condessa”, temos em português “Moro no bairro Condessa”.

Exemplos:

(11) ->NN5 - /.../ acho que o que chama muito atenção é é é a:::
[u b i k ã s ã w] da cidade do México rodeada de
morros (+) de montanhas ...

(12)->NN6 -/.../ ali começa a minha dificuldade (+) eu:: me ponho
nervosa (+) então:: deixo de falar (++) eu tenho que
tirar a vergonha /.../

EIR3- Paráfrase

Neste caso, o NN procura resolver seu problema de comunicação apelando para construções dentro do sistema da IL que lhe permitam reformular um significado local numa forma lingüística alternativa e aceitável, mas ao mesmo tempo, mais segura em termos de evitar usar uma forma ou construção que ele considere mais difícil. Esta estratégia freqüentemente aparece sob a forma de descrições ou circunlocações como, por exemplo, se para dizer “peseras” um FNN usasse “tipo de táxi para muita gente”. Também não apresentaremos exemplo desta estratégia porque não identificamos seu uso entre nossos NNs.

EIR4- Generalização

Com esta estratégia, o NN resolve seu problema local de comunicação extendendo o uso de um item a um contexto não tão apropriado. Neste caso, o que o NN faz tem como objeto manter a comunicação empregando já uma substituição lexical, uma aproximação ou um termo supraordenado. Em todos estes recursos ele, procura uma palavra que, apesar de não comunicar exatamente o conceito desejado, satisfaça o objetivo comunicativo porque compartilha elementos semânticos suficientes com o conceito desejado (Tarone, Fraundelfer e Selinker, 1976).

Exemplos:

(13)->NN3- /.../depois que os socialistas ficaram no governo (+)
eu tomo no sentido assim de de de:: JOGO porque eles
agora governam como que eles são SÓ(+)-cialistas (+)
elis:: estão SÓ no governo /.../

(14)->NN4- /.../ sim (+) é é isso (+) também:: faço estudos de
lingüística na Escola de Antropologia e ee::: estou
fazendo aulas de mestrado /.../

EIR5-Reestruturação

Consiste em um recurso comunicativo pelo qual o NN, quando percebe que não tem os elementos lingüísticos para seguir com um plano local do enunciado, reformula ou desenvolve um plano local alternativo que lhe permita comunicar sua mensagem.

Exemplos:

(15)->NN1- /.../ de tarde não (+) porque::só o português e a fotografia nas Artes Plásticas (++)/ atualmente eu não dô au aulas em psicologia /.../

(16)->NN4- /.../ nós preparamos tudo assim como uma representação cênica com uma companheira e e eu; / então ela trabalhava comigo assim de pomba gira /.../

EIR6-Pedido de ajuda

Neste caso, o NN pode pedir diretamente a seu interlocutor como se deve dizer algo ou pode indicar indiretamente por hesitações, pausas ou pausas cheias que necessita de ajuda.

Exemplos:

(17)->NN1- /.../ escutê a fita qui eh::VeraFortes::(++) sim gravô
N1- [gravô]

(18)->NN5- /.../ dores de cabeça irritação dos olhos mhm mhm muito muito (+) se diz stress" (+) se diz"

O ESTUDO PILOTO

Como já mencionamos no início deste trabalho, uma vez elaborado o instrumento que descrevemos anteriormente, fizemos sua aplicação piloto que estamos apresentando neste estudo preliminar sobre a competência interativa de seis (6) estudantes adiantados de PE. Os exemplos que ilustram as estratégias interativas vistas anteriormente foram retirados do corpus desta aplicação.

Dados

O material para este estudo consistiu em gravações em áudio, de aproximadamente 15 minutos de duração realizadas em condições que se assemelhassem, dentro do possível, de uma situação normal de comunicação, porém respeitando, obviamente, os requisitos necessários para que se pudessem fazer as gravações, ou seja, um pequeno gravador foi colocado sobre uma mesa à vista dos interlocutores. Apesar do

anterior, se conseguiu, em quase todas as conversações, que se estabelecesse uma atmosfera relaxada e cordial entre os interlocutores Ns e NNs.

O corpus analisado abrange um total de 6 gravações (um total de mais ou menos uma hora de gravação) escolhidas de um conjunto de 14 gravações de conversações entre Ns e NNs de português. O critério para a seleção se baseou na impressão dada pelos NNs de serem ou não “bons comunicadores”, ou seja, foram escolhidos estudantes que deram uma impressão comunicativa muito boa, boa ou regular aos entrevistadores distribuídos como aparece no quadro 2.

Quadro 2 : Sujeitos vs impressão comunicativa

Sujeito	Impressão comunicativa
NN1	Regular
NN2	Muito boa
NN3	Muito boa
NN4	Boa
NN5	Boa
NN6	Regular

As conversações tiveram como característica o fato de que os Ns sabiam seu objetivo geral, ou seja, analisar posteriormente a competência comunicativa dos NNs, por esse motivo procuraram que os NNs falassem o mais que pudessem. Apesar do anterior, o tipo de interação comunicativa que se deu se situa numa posição intermediária entre o que seria normalmente uma entrevista e uma conversação. Por um lado, a estrutura do discurso geralmente segue um padrão no qual os Ns fazem as perguntas e controlam os tópicos, o que sugere a grosso modo uma entrevista. Por outro lado, não há uma estrutura temática prévia rígida, os tópicos vão saindo na conversa e vão sendo incorporados, frequentemente pelo Ns, como tópicos de conversação; além disso os Ns parecem estar sempre dispostos a renunciar ao controle dos turnos, o que aproxima estas interações de uma conversação, ou melhor ainda, de uma típica conversação natural entre Ns e NNs descrita principalmente por Long (1981 e 1983).

Sujeitos

Os sujeitos deste estudo são, primeiramente, duas Ns de português, professoras de PE, residentes no México há mais de 15 anos que têm, conseqüentemente, um bom domínio do espanhol como segunda língua. Estas Ns foram instruídas antes das gravações para “fazerem com que os alunos conversassem muito e da forma mais natural possível”. Uma das Ns é a autora deste estudo, porém na ocasião das gravações não tinha ainda definido claramente seu objeto de pesquisa.

Os 6 sujeitos NNs são estudantes universitários que aprenderam PE no “Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras de la Universidad Autónoma de México”

(CELE-UNAM), segundo a orientação comunicativa adotada pelo Departamento de Português deste centro desde 1982. Todos os estudantes já tinham cursado 5 semestres de aproximadamente 80 horas de aula. Os NNs sabiam que os Ns eram brasileiros, professores de PE, residentes no México, com domínio de espanhol como segunda língua. Apesar de todo este conhecimento prévio, nenhum NNs tinha sido aluno dos Ns ou já tinha conversado em português com os Ns. Os estudantes sabiam que estavam sendo gravados e que estas gravações seriam usadas para algum tipo de estudo sobre seu domínio de português.

Resultados

Este estudo piloto preliminar teve como objetivo, principalmente, avaliar o instrumento de análise e, implicitamente, o método para a coleta de dados. Tratou-se de um estudo descritivo, voltamos a insistir, piloto cujos dados reportados devem ser tomados como indicadores de se o instrumento em questão é capaz ou não de julgar, de forma objetiva, o componente interativo da competência comunicativa dos sujeitos desta amostra.

Para medirmos o uso de uma estratégia, calculamos a média de ocorrência desta estratégia entre os 6 NNs. A partir desta média, apresentada entre parênteses à direita de cada estratégia, representamos os valores que aparecem nos quadros de dados:

(X) = uso de acordo com a média ou acima da média

x = uso abaixo da média

0 = não ocorrência

Quadro 3 : Uso de estratégias interativas referenciais

Tipos\Sujeitos	NN1	NN2	NN3	NN4	NN5	NN6
EIR1(0)	0	0	0	0	0	0
EIR2(1.6)	(X)	x	(X)	x	(X)	x
EIR3(0)	0	0	0	0	0	0
EIR4(.6)	0	(X)	0	(X)	0	0
EIR5(2.1)	(X)	(X)	(X)	(X)	0	0
EIR6(1.5)	(X)	0	0	0	(X)	(X)

Quadro 4 : Uso de estratégias interativas discursivas

Tipos\Sujeitos	NN1	NN2	NN3	NN4	NN5	NN6
EID1(1)	0	(X)	(X)	0	(X)	0
EID2(0)	0	0	0	0	0	0
EID3(2.1)	0	(X)	(X)	(X)	0	0
EID4*(2)	0	(X)	(X)	(X)	0	x
EID5(2.5)	0	x	(X)	(X)	x	(X)
EID6(5.7)	x	(X)	(X)	(X)	x	x
EID7*(.4)	0	0	(X)	0	0	0

* Com uso de marcadores conversacionais verbais

O primeiro exame dos dados nos evidencia que algumas estratégias são usadas com mais facilidade que outras; vejamos a representação desta frequência de uso :

EIRs/no.NNs= EIR2 > EIR5 > EIR6 > EIR4 > EIR1 y EIR3
 6 4 3 2 0 0

EIDs/no.NNs= EID6 > EID5 > EID4 > EID3 > EID1 > EID7 > EID2
 6 5 4 3 2 1 0

Com relação ao emprego de EIRs, chamou-nos a atenção o fato dos NNs não usarem a alternância de código (EIR1) nem a paráfrase (EIR3). Pensamos que, no primeiro caso, uso de EIR1, talvez este tipo de recurso fosse muito ameaçador para a face dos NNs, já que sabiam de antemão, neste evento, que se estava observando sua atuação comunicativa. Para a não ocorrência de EIR3, não temos nenhuma hipótese plausível, poderíamos pensar que este recurso implicaria um melhor domínio da língua, no entanto esta explicação se torna inaceitável se observamos o uso de EIR5 por vários NNs e tomamos em consideração que este recurso também exige um bom manejo da língua meta.

A eleição das estratégias interativas referenciais parece não ter um efeito claro na apreciação da competência interativa. Comparando os dados dos quadros 2 e 3, vemos que NN2 e NN4 usaram as mesmas estratégias referenciais, no entanto foram avaliadas com níveis de impressão comunicativa diferentes. Também nos pareceu interessante o fato de que os sujeitos que tiveram uma avaliação regular tivessem usado EIR6 (pedido de ajuda) de uma forma direta, tal como aparece no exemplo (17) ou de forma indireta (ver exemplo 18). Insistimos que estes dados, comparados com o fato de que estes NNs deram a impressão de terem capacidades diferentes para comunicarem-se, sugerem que talvez os pedidos de ajuda tenham uma influência mais clara na impressão de uma habilidade comunicativa deficiente. Restaria compará-los com a avaliação da competência linguístico-gramatical dos mesmos NNs (conhecimento declarativo).

Finalmente, ainda com relação ao uso de EIRs, parece-nos digno de notar-se o emprego de EIR2 (alternância de código) e, em frequência ainda maior, de EIR5

(reestruturação) entre os NNs deste trabalho. Supunha-se que EIR5 pudesse ser um recurso que discriminasse os melhores comunicadores, mas como vemos, comparando os quadros 2 e 3, isto não se deu no estudo. No caso de EIR2, sua ocorrência maior ou menor entre os NNs parece não ter afetado a impressão comunicativa, como se vê comparando o quadro 2 e 3.

Recoletamos, no entanto, alguns dados bastante sugestivos referentes ao emprego de EIDs que nos sugerem que estas parecem influenciar de uma maneira mais clara a impressão comunicativa dada pelos NNs. Por exemplo, NN2 e NN3 considerados previamente como bons comunicadores usaram o número mais variado de estratégias discursivas (observe-se os quadros 2 e 4). Além disso, foram os que usaram acima da média do grupo os tipos de estratégias que parecem ter um grande valor expressivo na comunicação oral, ou seja, EID1 (dirigir-se ao interlocutor) e EID3 (criar naturalidade) como podemos observar nos exemplos (1) e (4) deste estudo.

COMENTÁRIOS

Relatamos neste trabalho os critérios teóricos e os passos gerais para elaborar um instrumento para a identificação das estratégias interativas usadas por NNs de português, especificamente falantes nativos de espanhol objetivando com isto oferecer um recurso de avaliação menos subjetivo para julgar a competência interativa dos falantes não nativos de português. Fizemos uma aplicação piloto deste instrumento com o fim de detectar problemas gerais em sua construção e para sua aplicação. Para esta testagem piloto usamos gravações de 6 estudantes e observamos, comparando os registros obtidos com o uso do instrumento e uma avaliação prévia destes alunos feita em termos de “bons comunicadores” devido à impressão que dão de poder comunicar-se em português.

Verificou-se que o instrumento parece identificar com certa “validade” a competência interativa que tinha sido caracterizada anteriormente sob o conceito vago de “impressão comunicativa”. Esta “validade”, contudo, se refere mais do que nada a uma característica qualitativa do que a uma característica estatística. Como se observou neste trabalho, não realizamos nenhuma técnica específica para medir a validade de construção, de critério ou de predição deste instrumento.

Projetamos numa etapa seguinte aplicar este instrumento a uma amostra maior de gravações realizadas em situações mais naturais de comunicação. Pensamos que isto pode favorecer uma maior validade de construção. Pensamos também avançar na validade de critério e de predição procurando comparar os dados obtidos com o instrumento com avaliações mais detalhadas dos professores. Finalmente, em relação à confiabilidade, projetamos nas futuras aplicações deste instrumento verificar a confiabilidade inter-avaliadores usando as técnicas sugeridas por autores como Frick e Semmel (1978).

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, J.R. Acquisition of a Cognitive Skill. **Psychological Review**, 89, 369-406, 1982.
- BIALYSTOCK, E. **Communication Strategies: A Psychological Analysis of Second-Language Use**. Mass.: Basil Blackwell, 1990.
- BROWN, G. e YULE, G. **Discourse analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- CANALE, M. From Communicative Competence to Communicative Language Pedagogy. In: Richards, J.C. & Schmidt, R.W.(eds), **Language and Communication**, London: Longman, 1983.
- CORDER, S.P. **Strategies of Communication**. In: Faerch, C. & Kasper, G.(eds) **Strategies in Interlanguage Communication**, London: Longman, 1983.
- ELLIS, Rod. **Understanding Second Language Acquisition**, Oxford: Oxford University Press, 1985.
_____. **Instructed Second Language Acquisition**, Mass. Blackwell Publishers, 1991.
- FAERCH, C. e KASPER, G. Plans and Strategies in Foreign Language Communication. In: Faerch, C. & Kasper, G. (eds) **Strategies in Interlanguage Communication**, London: Longman, 1983a.
_____. On identifying Communication Strategies in Interlanguage Production. In: Faerch, C & Kasper, G. (eds) (op.cit.), 1983b.
- FRICK, T. e SEMMEL, M. Observer Agreement and Reliabilities of Classroom Observational Measures. **Review of Educational Research**, 48:1, 157-184, 1978.
- GAIES, S. The Nature of Linguistic Input in Formal Second Language Learning: Linguistic and Communicative Strategies. In: Brown, H., Yorio, C. y Crymes, R.(eds) **On TESOL' 77**, Washington DC, 1977.
- GUMPERZ, J.J. **Discourse Strategies**, Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HATCH, E. Discourse Analysis and Second Language Acquisition. In: Hatch, E.(eds.) **Second Language Acquisition**, Rowley, Mass.Newbury House, 1978.
- LONG, M.H. Questions in Foreigner Talk Discourse. **Language Learning**, 31/1: 135-57, 1981.
_____. Native Speaker/Non-Native Speaker Conversation and the Negotiation of the Comprehensible Input. **Applied Linguistics**, 4/2: 126-41, 1983a.
_____. Linguistic and Conversational Adjustments to Non-native Speakers, **SSLA**, 5:2, 177-93, 1983b.
- MARCUSCHI, L.A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.
- PICA, Teresa. Second-Language Acquisition, Social Interaction, and the Classroom. **Applied Linguistics**, 8:1, 3-21, 1987.
- SWAIN, M. Communicative Competence: Some Roles of Comprehensible Input and Comprehensible Output in Its Development. In: Gass and Madden (eds) **Input in Second Language Acquisition**, Rowley Mass. Newbury House, 1985.
- SCARCELLA, R. y HIGA, C. Input Negotiation and Age Differences in Second Language Acquisition. **Language Learning**, 31, 409-37, 1981.
- SCHIFFRIN, D. **Discourse Markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SILVA, D.G. da. A Oralidade no Discurso Narrativo Escrito de Adolescentes. **Dissertação**, Brasília: UnB, s/p, 1991.

TARONE, Elaine, FRAUENFELDER, Uli e SELINKER, Larry. Systematicity/Variability and Stability/ Instability in Interlanguage Systems. **Language Learning Special Issue N°.4**, 1976.

TARONE, E. et. al. A Closer Look at Some Interlanguage Terminology: A Framework for Communication Strategies. In: Faerch. C. & Kasper, G. (eds.) (op.cit.), 1983.

WIDDOWSON, H.G. **Teaching Language as Communication**. Oxford: Oxford University Press, 1978.